

Relações ..

ofício do vidro e accessis

23.05.2015

Parque de Estudo e Reflexão Caucaia

Adriana Pucci Abrahão



As duas produções de vidro se passaram no Parque Punta de Vacas

O vidro toca espaços altos, me disseram...

Relatos primeiro acerto:

Punta de Vacas, janeiro de 2014. Pela primeira vez ia fazer vidro.

Estava feliz com a possibilidade, mas não sabia que teria uma relação tão apaixonada com esse material.

O forno:

Ao acercar do forno, 1300 graus de temperatura me invadiram.

Senti todo meu corpo vibrar: Exaltação e Alegria. Intensidade.

Me aproximei de golpe e ainda sem saber como tomar a porção de vidro, a postura frontal ao forno, me deixou alterada e senti meu corpo queimar, como algo que agradia...

Depois, me dei conta que estava me acercando do forno com uma postura confrontativa e ele “me devolvia” essa atitude.

Observando a cena, os ajudantes do ofício indicaram que aproximasse de lado, não de frente..

Quando experimentei essa postura, consegui estar próxima ao forno e registrá-lo.

... a partir daquele momento, olhei o forno de outra forma,.. o que era um objeto contenedor, transformou-se em **entidade sagrada** e aquela atitude corporal, de lado e atenta, era de grande respeito.

**Existia uma forma de relacionar com essa entidade**, uma postura, um tom.

Da atitude confrontativa, fui para a temerosa,,ficava muito afastada e não podia retirar a quantidade necessária de vidro, ...

Novamente uma compreensão e ajuste: frente ao sagrado, a atitude temerosa, de pequenez também não parece adequada.



Nova tentativa fracassada e uma amiga passa mais um “segredo de ofício”: me guiar pela sombra da vara e girar 2 vezes.

Imediatamente, ao observar a ponta da vara que tocava o “magma de vidro” me veio a relação do contato com o profundo da consciência.

Se vai, se toma uma porção, ... sei onde vou, e vou resolutiva,  
se demoro, me “queimo”, ou sou invadido pela energia e isso não me permite ir além...  
se me apresso, não tomo matéria suficiente para ter uma forma... ou seja... existe então  
uma medida para ir, tomar “a porção” para logo “dar forma”.

Um amigo disse que ao dar forma matávamos a peça... porque depois disso ela “perdia” as outras possibilidades de “ser”...

Eu fiquei refletindo sobre isso e sobre a forma como uma interpretação...  
assim como acontece com algumas experiências que tive, que ao tentar descrevê-la ou  
relatar, muito se “perde”, mas que ao mesmo tempo, se não traduzo, se não coloco em pa-  
lavras, se não “dou forma”, parte da “função” do contato não se cumpre que é a própria  
expressão neste plano de existência.

Outra reflexão é que qualquer forma que produzisse, um copo, uma gota nunca seriam  
“o vidro”... mas “de vidro”... e isso me trouxe algumas compreensões quanto a um olhar  
ingênuo que muitas vezes tenho, que confunde, forma, conteúdo, essência e energia.



## O Processo:

Para fazer a gota, antes temos que fazer um botão - pequenina esfera na ponta da vara. Quando finalmente consegui fazer o primeiro botão parti com entusiasmo e peguei mais matéria para a gota e ali estava ela! e oooooooooooooooooopa... ela foi se esticando e rápida caiu... faltava o tempo adequado - a proporção sempre presente na vida.

A gota caída, fio de fracasso, tinha sua graça! e não a descartei.

Comecei a reparar que vários amigos mais experientes levavam para cada gota caída um leve sorriso e delicadamente a recolhia com algo parecido com uma compaixão por aquele projeto que quase foi.

Essa atitude desidentificada, suave e dançarina, me deu enorme prazer de observar e brindou mais sentidos: desapego e soltura... a libertária e essencial liberdade de errar.

E já assim, uma hora ela veio, pequena, delicada e quando estancou, senti no centro de meu peito uma suave, mas radiante alegria, e um ponto preciso, dentro do coração pulsou, como uma vibração de cristal, emitindo em ondas uma cenestesia tão delicada e forte como a própria vida.

Naquele momento, estava plena e não precisava de nada mais.

## O Ambiente. A atmosfera. Âmbitos

Em vários encontros da mensagem e na própria disciplina, Negro fala da importância da atmosfera, como ela pode catalizar processos, e até mesmo, permitir que se dêem experiências.

O ambiente humano da oficina, sua atmosfera, estava compassado como um relógio, e as vezes sincronizado como uma dança, ...uma mistura de afeto, delicadeza, ajuda e espírito de um corpo único banhavam o ambiente.

Nos mais experientes, se via que a disposição de ajudar dava energia e para nós que iniciávamos um novo aprendizado também gerava uma energia e tudo isso se fundia no ar e gerava um ambiente carregado e suave.

Em vários momentos, nesse nós, não me importava mais se eu o o outro produzia o gota, íamos nos fundindo... o próprio fluir passou a ser o foco, o estar presente e ser.

Esses foram alguns registros da primeira vez que participei, um ano depois, também em Punta, estava inscrita para a segunda oficina..

Já sabemos bastante sobre as expectativas, e porque é recomendado não tê-las, mas eu me via cheia de expectativas!! então, como me vi um tanto tomada, procurei fazer respiração baixa,.. então, me disse que o único que podia fazer era reconhecer e tentar aos poucos deixar que um outro tom e atitude fossem ganhando o espaço do guloso “EU QUERO” acumulador de registros!

Várias tentativas fracassadas, e a oficina seguia, .. em um momento, pela própria repetição as gotas foram saindo, mas sem espírito e sem ressonância interna... não conseguia sentir nada especial.

Passado um tempo, e já um pouco frustrada, comecei olhar aos novos que por primeira vez tinham suas experiências e aí sim, me conectei com o que sentiam e alegria veio pelo conteúdo de sua experiência. A frustração se elevou para fracasso, que me deu condição de soltar e dizer : Bom, ano que vem haverá outra oportunidade...

Mas esse tempo de espera gratamente se encurtou e no dia seguinte apresentou uma oportunidade de fazer o vidro novamente.

Alguns amigos estavam em retiro e nos deixariam praticar mais tarde.

Então, fiquei horas olhando os amigos fazendo seu trabalho. e aí uma nova experiência: na espera existe um novo mundo, da contemplação e observação, o tempo do não fazer.

Com essas copresenças e tom, quando entrei no trabalho, já me sentia em sintonia,,, a espera me ajudou a estar presente, sem querer possuir experiências,,, colocou um observador mais atento e centrado.

Com isso fui ao forno e aquela alegria suave e espírito que pareciam desaparecidos, voltaram. Me perguntei: então... o que quero?

Me pareceu um ótimo desafio conseguir a habilidade para fazer a gota que imaginei, uma longa e proporcional gota. Queria plasmar essa imagem...

Assim, as gotas iam saindo, gordas, compactas, fortes e sobretudo ... controladas (!).

Nesse interin, um amigo se acercou e por primeira vez começou fazer suas gotas, ... e ao observá-lo meu registro era de aflição.

Ele tinha uma forma de fazer a gota totalmente diferente da minha... que era basicamente ir ao forno, pegar o vidro e erguer a vara.

Eu, depois de pegar o vidro, torcia, girava, subia... fazia sempre uma série de operações ... ele só erguia e esperava com leve sorriso...

Uma amiga, que também acompanhava disse: não temos que controlar tudo... e nesse momento percebi que surgiu o tema que realmente eu deveria trabalhar:  
... a soltura, a mesma espera... a confiança... os tempos...

Dessa forma, já com um propósito mais interessante, segui trabalhando.

Em uma das pausas, tomando um café , um amigo diz: - Na oficina temos a possibilidade de experimentar atitudes diferidas, e isso reverbera imediatamente na vida diária.

E é isso mesmo. Trilhar o caminho da resposta diferida, ter esse momento de experiência. Depois eu comecei a lembrar de amigos, que haviam dado uma resposta diferente de seu “EU” habitual na oficina e que eu percebi mudanças significativas em suas atitudes.

Então, para fazer mudanças, só precisamos saber o caminho de uma nova conduta, ... trilhar novas conexões.

No meu caso então, a resposta diferida era: levantar a vara e esperar.  
Poder ter o registro dessa ação - não-ação.

Quando fiz isso, pude acessar novas sensações...confiança, ...fé... o contemplar... todas com muito mais proximidade do devocional, do que a técnica, ou a precisão de movimentos...

A estirada - saber onde ir e o momento de soltar:

Observando os amigos e suas gotas, na maioria dos casos seguiam uma série muito grande de fracassos, e aos poucos, pela repetição as gotas iam se formando, ... mas em algumas tantas vezes, uma bela e proporcional gota se formava, quase nas primeiras tentativas,... de forma bem intuitiva, mas podia-se dizer, acidental, porque muitas vezes o felizardo não conseguia repeti-la.

Observando as pessoas com mais experiência, na hora de fazer as gotas grandes, havia uma mistura de espera e depois de ação bem precisa.

Havia um momento específico de estirar... de subir a vara. e havia um tom, um estado geral, de calma, tranquilidade.

Outra associação com “a entrada”, onde passamos pelo silêncio ativo, como a espera para logo direcionar e soltar...estirar o arco para que a flecha vá a seu destino.

A sensação dessa estirada é deliciosa e os tempos, ritmados. Quando a força vem ( no caso da gota a força da gravidade) deixar-se ir.

### Sintetizando os registros

Na primeira oficina, o registro mais forte foi o do ponto central no peito, quase um plexo cardíaco, que depois em muitos momentos evoquei sua cenestesia, para trabalhar com a entrada ou para alojar a esfera na experiência da força.

Na segunda vez, o registro maior foi a cenestesia do “estirar - mistura de soltar e direcionar”, que estica, viaja, e transporta para cima esse primeiro registro central do peito.



*Primeira tentativa de gota, transformada em Pingente*



E aí estive, ... entre todas essas aprendizagens e experiências, no meio da Cordilheira de cumes gelados, a 1300 graus de temperatura. com os olhos na neve e o corpo no fogo.

Finalizo com o comentário de um amigo, que disse que na etapa das construções do Parque o Negro ria e dizia: Que inusitado vai ser fazer vidro em plena Cordilheira! com temperatura negativa fora e 1.300 graus dentro.

... e ali estávamos, compartilhando a brilhante imagem do Negro... e ali ele estava!

***Obrigada aos companheiros do vidro Mica, Nacho, Diego, Alejo, Marina, Eva, Candy, Ariel, Negro. e a todos os companheiros do Caminho!***